



A FESTA UNIVERSITÁRIA DE SÃO JOSÉ DO EGITO

Criação, Auge e Decadência

Nos anos iniciais da década de 1970, do século XX, José Augusto, Aparecida Viana, Olga Brandão, Laura Maria, Nadege Caldas, Paulo Menezes, Inaldo Sampaio (alguns irmãos) uma parte da família Valadares, todos jovens estudantes de São José do Egito, residentes em Recife, onde cursavam o ensino superior, resolveram criar uma semana universitária na sua terra para divulgar a arte cultural produzida. Devido à grande tradição da cidade ser conhecida como a Terra da Poesia, o objetivo era tornar visível num evento a expressão literária sertaneja e outras linguagens artísticas da cidade e da região do pajeú.

O período citado configurava-se como a “época de chumbo” da ditadura militar, e mais precisamente, em vigor o AI5, ato institucional da forte repressão política que dava direito ao Estado brasileiro de investigar, perseguir, torturar e matar quem fosse considerado subversivo ou comunista. Nesse período das sombras do pavor a respeito dos grilhões da ditadura, voluntariamente o por obrigação do estado ditador, alguns intelectuais, escritores e artistas foram presos, torturados, mortos e exilados.

Sob a égide da liberdade e do clamor pela democracia, a festa universitária não era apenas para divulgar a cultura do pajeú, mas sim, um meio de contestação política dos jovens que faziam parte da turma que criou a festa universitária; inclusive, muito deles eram do Partido Comunista, que na época estava na ilegalidade. O ponto de reunião dos jovens estuantes contestadores e ligados a cultura de São José do Egito, era no Colégio Salesiano (Recife), durante os sábados, no período noturno. Nesse período e nas reuniões se discutiam como fazer a festa, onde arrumar recursos e quanto tempo de duração a festa deveria ter. Vale salientar que na época foi criado um pequeno jornal para anunciar as ações culturais e políticas.

Aos poucos a *Primeira Gestão*, criadora da festa universitária, foi se afastando para dá vez a *Segunda Gestão*, formada por Vicente (Vicentinho), Amaury Viana, Alcina Viana, Gilberto Rodrigues, Miriam Correia (e família), Neusa Valadares, Rona Leite, Ronaldo de Antônio Tiago, Viviam Siqueira, Fátima Rocha, Bernadete Juvino, Izilda Sampaio, Luizinho, Ednaldo Leite, entre outros. Nesse período, apesar de certa resistência de algumas pessoas da *Primeira Gestão*, foi criada pela *Segunda Gestão* a *Associação Cultural de São José do Egito*, com o objetivo de ter uma instituição legalizada juridicamente para receber patrocínios do setor público e privado como base de sustentação econômica pra custear a festa. Além disso, comprar um imóvel para servir de sede e para guardar os acervos artísticos e literários que eram usados durante o evento. Vale salientar que a festa universitária se capitalizava mais através da Boite Universitária (de terça-feira a quinta-feira) e dos dois bailes no Clube Hotel, e da bilheteria da vaquejada (aconteceu durante um curto período). Lembrando que Alcir, da boate Bambuzinho foi um grande colaborador da festa em vários sentidos. Contudo, a festa recebia patrocínio da Prefeitura de São José do Egito, de algumas prefeituras da região do pajeú, e já numa fase adiantada, da Fundarpe (Fundação de Arte de Pernambuco). Os recursos das bilheterias eram para pagar as despesas e formar uma poupança, a qual serviu para comprar a sede na rua Poeta Rogaciano Leite.

Como toda Associação precisa de renovação e de novas energias para conduzir determinado evento, após a *Segunda Gestão* veio a *Terceira*, constituída por Tarcísio, Neném de Zé Dudu, Marcos Brito, Gilberto Costa, Miriam Correia, Sales Rocha, Cláudio Viana, Pessoa, Marcos Tizey, Flávio Lira,

Maurícia Correia, Belo de Mocinha de Zé Leão, Cida Siqueira, Cal Siqueira, Cenorinha, Arimatéia Moura, entre outros. Valendo salientar que Arimatéia e Claudio Viana, nessa gestão, em algumas festas, era a dupla mais de frente que resolvia as coisas com maior rapidez. Esta *Terceira Gestão* durou até os anos iniciais da década de 1990, quando entrou *Quarta Gestão* que começou a levar a festa para o seu declínio que permanece até aos dias de hoje.

Foi a *Primeira Gestão* (1970) que decidiu que a festa universitária deveria começar na terça-feira, no período da tarde, aos tiros dos bacamarteiros, e terminar na segunda-feira de madrugada, tempo (07 dias) suficiente para englobar várias atividades no campo das artes, promovendo dentro do evento palestras, teatro, poesia, música, cinema, lançamento de livros, exposição de artes visuais, danças, torneio de esportes de quadra, gincana e outras atividades. Palestrantes da área da política como Gregório Bezerra, Marcos Freire, Fernando Lira, Roberto Freire, Jarbas Vasconcelos e demais políticos que representavam a esquerda, sempre eram convidados para proferirem palestras sobre a política em Pernambuco, no Brasil e no mundo. As palestras eram bastantes procuradas e assistidas pelos jovens universitários da época que ainda viviam a sombra da ditadura militar. Havia um pensamento e sentimento coletivo sobre a implantação da democracia no Brasil. Além do sentido político, aconteciam palestras na área da cultura, como a de como Ariano Suassuna, entre outros palestrantes. O advogado e poeta José Rabelo era sempre convidado para fazer o discurso de abertura da festa, após a sessão de tiro dos bacamartes, liderada por Rafael Marçal. O curioso era que cada bacamarteiro antes de fazer o grande disparo, dizia o nome de batismo da sua arma medieval, rústica e estrondosa.

No campo do teatro, além das peças que vinham de outros lugares, (Recife e região do pajeú), a festa universitária sempre teve os valores locais, como as peças do poeta e teatrólogo Ednaldo Leite apresentando uma crítica sobre os porões de tortura da ditadura militar. O Cine Teatro São José era palco para palestras e para peças teatrais que eram apresentadas para um bom público local e pessoas que se deslocavam de outras cidades e Estados para prestigiarem a cultura artística do pajeú.

No campo da poesia, a festa tinha seu grande apogeu por ser a principal linguagem artística e literária da cidade e da região. Nesse sentido,

apresentações de poetas repentistas como Lourival Batista, Jó Patriota, Zé Catota, Zezé Lulu, Geraldo Amâncio, João paraibano, Valdir Teles, Sebastião Dias, e uma infinidade de poetas-cantadores-repentistas que tocavam suas violas e improvisavam versos espetaculares.

A presença dos poetas repentistas cantadores era a impressão digital mais importante da cidade, colocando a poesia da oralidade num espaço promovido por jovens acadêmicos. Ainda, relacionada a expressão da poesia, declamações poéticas como as do genial Cancão (João Batista de Siqueira), João Campos, Zé Silva, Zé de Cazuzza, entre outros, abriram caminhos para depois ser criado durante a festa o momento intitulado: *Valores da Terra*. Nesse evento, jovens poetas declamadores, cantoras, cantores-compositores, como Sales Rocha, Arlindo Lopes, Gilmar Leite, Paulo Passos, Marcos Passos, Graça nascimento, Antônio Marinho, Tom Fio, Mizita Passos, Aluísio Lopes, Lostiba, Tremendão, Churrasquinho, Elói, Lucivaldo, Nõe Patriota, Didi Patriota, Zé de Boi, Lamartine Passos, Zá Marinho, Edinaldo Leite, Ismael Pereira, entre outros, faziam um grande recital que durava a tarde toda acabando e entre 19:00 e 20:00 horas. O momento *Valores da Terra* era muito apreciado pelo público presente por meio de palmas e palavras de elogios.

No que se refere a linguagem musical, a banda de pífano de Riacho do Meio (distrito) era a expressão anfitriã que abria o evento para uma infinidade de cantores, de bandas, de instrumentistas apresentarem seus trabalhos para um público entusiasmado que ficava a tarde e parte da noite em frente do palco extasiado com as apresentações. Artistas como a banda Quinteto Violado, Banda de Pau e Corda, Amelinha, trio elétrico Asas da América, Maciel Melo, Paulo Matricó, Som da Terra, Cascabulho, Xangai, Cordel do Fogo Encantado, Vates e Violas, banda Fim de Feira, Zé Marcolino, Zeto, Bia Marinho, Val Patriota, Delmiro Barros, entre tantos e tantos artistas da região do pajeú e de outros lugares subiram ao palco da festa universitária.

Devemos levar em consideração e dá importância a empresa Aguardente Pitú como uma das patrocinadoras. A festa era animada através do carro de som (micro-ônibus) Otoni Rodrigues Propaganda, que era a força de ligação entre os artistas e o público. Otoni com sua voz grave e eloquente dava todo o charme à festa universitária e enchia os quatros cantos de São José do Egito, tecendo elogios como a cidade de Pernambuco de pessoas inteligentes e artísticas.

Além da locução de Otoni, o micro-ônibus com o som possante tocava as músicas da época, desde Geraldo Vandré, Belchior, Zé Ramalho, Gilberto Gil até Chico Buarque. Enfim, tocava a boa música feita nos anos de 1960 a 1990. O mais festivo do carro era quando dos seus alto-falantes potentes tocava o estilo musical *Ciranda*, vindo do litoral pernambucano para animar o sertão do pajeú. Ao som da *Ciranda do Piri-Piri*, o público presente formava um círculo que dançava das 22:00 horas até de madrugada, renovando a energia do entusiasmo aos goles da aguardente Pitu, quando Otoni logo cedo dizia: “A cacimba está aberta”. A parte triste e melancólica do carro de Otoni era quando a festa terminava e o micro-ônibus saía pelas ruas da cidade com o destino a Vitória de Santo Antão, tocando, “*Eu vou embora*”, ao som da música de Zé Castor. Os eufóricos, apaixonados pela festa e pela aguardente pitu gratuita ficavam em prantos.

Como na década de 1970 em São José do Egito tinha um cinema, então, a *Primeira Gestão* e durante um certo período da *Segunda Gestão*, os estudantes criadores e organizadores da festa Universitária levavam de Recife filmes alternativos de cunho político, tanto a nível nacional, como a nível internacional. Após as exibições eram feitas mesas redondas para discussão a respeito dos filmes. Era um período de muita efervescência política e cultural, devido a repressão política dos anos de chumbo da ditadura. Está engajado e consciente do que ocorria no Brasil era um comportamento coletivo dos jovens da época.

Por ser uma cidade muito ligada a palavra poética, a festa era o momento de lançamentos de livros, englobando palestras dos autores, dos prefaciadores, e claro, recitais de poesias, como uma maneira de celebrar tais lançamentos. Muitos e muitos livros foram lançados, desde autorias individuais até antologias, muitas delas hoje em dia esgotadas. O espírito da cidade era altamente poético e as pessoas tinham um sentido real de orgulho de serem de São José do Egito.

Na esfera das artes visuais, muitas e muitas exposições eram montadas na escola Oliveira Lima, tendo nas paredes quadros de pinturas de artistas locais, da região do pajeú, de outros estados e do Recife. A professora poeta e pintora Célia Siqueira, de São José do Egito, algumas vezes expôs suas telas. No

mesmo espaço eram expostas fotografias de cunho político, cultural e histórico de fotógrafos que eram convidados pela organização da festa.

No pátio da festa, no calçamento, mais precisamente no entroncamento da rua da baixa aconteciam as expressões dos grupos de dança da região e da cidade do Recife. No espaço citado se apresentaram o Balé Popular do Recife, diversos grupos de maracatus, de frevo, de xaxado, de capoeira e das danças típicas da celebração junina. Era o momento “Bolshoi” da cultura popular da dança em São José do Egito. Formava-se um enorme círculo de pessoas juntinhas umas das outras em que todo mundo queria assistir as apresentações coreográficas das danças nordestinas.

Durante a década de 1970 e parte da de 1980, a festa tinha seu momento esportivo de grande disputa nas quadras da Escola Cenecista São José e na do Colégio Estadual Edson Simões. Nesses espaços esportivos eram realizados torneios de futsal, e algumas vezes, de voleibol. As equipes se organizam de acordo com os cursos que os estudantes faziam em Recife ou em outras cidades, ou então por áreas específicas, como saúde, exatas, humanas... etc. Porém, tinha a equipe dos “Feras” que era formada por recém ingressos no ensino superior. As disputas dos torneios eram acirradas e levadas muito a sério, tendo um público torcedor bastante envolvido com as disputas.

Um momento dentro da programação da festa que era bastante esperado era a gincana que acontecia aos domingos. O citado evento envolvia o uso de transporte tendo um casal em cada carro fazendo deslocamentos com paradas em postos de conhecimentos, nos quais, os concorrentes tinham que responder perguntas a respeito de São José do Egito, da região, do Estado de Pernambuco, do Brasil e do Mundo. Então, quem respondesse corretamente e fosse mais rápido, seria o vencedor. A aglomeração de pessoas para assistirem e torcer por algum concorrente era enorme. A rua onde era realizada a gincana ficava repleta de um público envolvido e eufórico.

Durante quase 03 décadas, na programação da festa universitária, além do que foi citado antes, aconteciam brincadeiras infantis envolvendo o conhecimento, palhaços, como o saudoso Luizinho, personagens irreverentes da cidade representados por Arlindo Lopes, Zé Boião, condutor do “*Boi de Severo*” (*bumba meu boi*), Rui da “*Burrinha*” (*burrinha de pano*), mamulengos e outras representações da cultura popular no campo da ludicidade eram presenças

importantes na festa universitária, mostrando toda diversidade de uma cidade, de uma região e de um Estado, tendo como foco a identidade cultural e as discussões políticas de Pernambuco, do Brasil e do mundo. Lembrando que na festa tinha também as figuras cômicas ligadas ao álcool etílico, como Maria Bebinhha, DiLurdes, entre outros, que sob o efeito da pitu eram personagens do folclore ébrio da festa. Durante as quase 03 décadas, a digital da cidade era a consciência cidadã, social e cultural. A leitura era o elo das discussões, das contestações, do engajamento e da ação para a prática no sentido de uma afirmação Brasileira-Nordestina-Sertaneja-Egipciense.

Em algumas coisas no mundo da vida existe o sentido da aurora, do ocaso e da noite. Metaforicamente, a festa universitária durante 03 décadas teve seu momento de aurora, brilhando o sol dos significados artísticos, culturais e políticos através de várias atividades dentro do evento, lembrando que as gestões da festa em seu percurso temporal (primeira, segunda e terceira gestão) foram ocupadas por estudantes.

Esse sol começou a entrar no ocaso quando a *Quarta Gestão* começou a ser ocupada por gente do poder público municipal. Nesse sentido, começou a desfigurar a expressão cultural, artística e política de esquerda. A festa começou a focar o sentido da massificação que estava sendo veiculada nos grandes meios de comunicações, interessados nos enormes lucros e minando as bases da cultura popular. O palco musical que era ocupado pelos verdadeiros representantes da MPB, foi sendo ocupado por bandas de forró eletrônico. Toda a variação de linguagens artísticas diversas, palestras e tudo que foi citado neste ensaio, foi se esvaindo, algumas vezes trocadas por coisas banais, sem qualidade artísticas, ou então sendo extintas, deixando grandes lacunas na festa, ao ponto de não ter mais a duração de 07 dias.

A quinta-feira feita espetacular do show *Valores da Terra* entrou no período de segregação no sentido dos brasões das famílias da tradição poética e musical, deixando de fora poetas, cantores e cantoras não descendentes da árvore genealógica de poesia e da música. Com o tempo, esse sentido foi trocado pelo sentido de participar do evento quem era “amigo” da gestão da festa. Não durou muitos anos para o show *Valores da Terra* sair do ocaso da representação cultural diversa, para desaparecer dentro escuridão da não existência, chegando ao seu fim.

Desde o começo do século XXI (gestão que não conheço) a festa a cada ano vem tombando no sentido estético, cultural e artístico. A cada década ela vem perdendo em tudo que foi construído através das gestões anteriores. Até a Associação Cultural foi fechada e todo acervo foi jogado no riacho dos porcos. A sede nova que foi comprada (rua João Pessoa-Centro), muito mal foram levantadas algumas paredes para a obra ser abandonada até hoje. Quem passa pela rua e vê as paredes não sabe a respeito da construção inacabada. Isto reflete os escombros da própria festa hoje em dia.

A decadência estética-cultural-artística da atual festa é deprimente, fora alguns poucos “gatos pingados” de bons artistas. O grosso da festa da segunda década até hoje é composto por um lixo musical descartável, fútil e banal. Uma festa que no século passado chegou a homenagear grandes representantes da cultura, como Ariano Suassuna, hoje homenageia figuras vazias, fúteis, bolsonaristas e toda uma reles de pessoas de uma sociedade decadente a respeito dos valores estéticos, culturais, literários e intelectual.

Não é de causar admiração, pois grande parte do perfil dos estudantes de hoje em dia é caracterizado por tudo que existem de banal, sem identidade cultural, sem consciência cidadã e sem leituras significativas. São José do Egito reproduz o que a sociedade brasileira em grande parte representa. Um povo sem raízes, totalmente perdido em todos os sentidos. Não é à toa o personagem Bolsonaro ser admirado por estudantes, professores, médicos, juristas, engenheiros e demais pessoas. O que assusta é que algumas pessoas da *Primeira e da Segunda Gestão*, fundadoras da festa e levantadoras da bandeira contra a repressão política e a violência da ditadura militar, abaixaram os braços da contestação e trocaram o discurso da liberdade e da tolerância pelo discurso de Bolsonaro.

Lembro agora da música “Maio 68” (Roberto Mendes e Jorge Portugal) na voz de Raimundo Sodré, quando diz: “*A última vez em que vi esperança foi, na mesma esquina em que me perdi*” ... Na contemporaneidade quando em São José do Egito, sinto-me perdido nas esquinas de uma cidade alienada e busco na memória as esquinas que eu vivi nos anos de 1970 à 1990. Mesmo que nesse tempo houvesse “*uma lacrimogênica ilusão*”, mas nossos “*punhos estavam violando o ar*”, vivíamos “*meia liberdade, meio sonho... tropicoscaetanos, lamarcas, gils, e em cada cabeça um mundo a mudar.*”

É claro que a sociedade ao longo dos tempos muda em vários sentidos. Porém, é importante mudar no sentido de melhorar, de evoluir, e em se tratando São José do Egito, símbolo da resistência cultural no passado, a cidade hoje deveria ser um polo cultural anual, atraindo pessoas de outros lugares para conhecer o seu legado estético, artístico e cultural.

Gilmar Leite Ferreira

Poeta e Prof. Dr. da Universidade Federal da Paraíba

João Pessoa, 15/09/2023